



MODOS DE LER E SENTIR A LITERATURA NA ESCOLA

Maria Antônia Vinhas Talher Barros¹

RESUMO

Quando questionados sobre como a literatura é lida na escola, as respostas costumam ser diversas e complexas. Em nosso contexto escolar brasileiro, não temos dados quantitativos ou qualitativos concretos sobre essa prática específica de leitura, sobre como a leitura literária acontece com os jovens nas salas de aula. Por isso, e como forma de abordar um ponto de vista, um olhar muito "cortado" sobre o problema, decidimos escolher um texto literário que sabemos ser frequentemente trabalhado em sala de aula e analisar os protocolos de leitura que são apresentados com este texto. Frente a isso, espera-se contribuir para o desvelamento das práticas de leitura na Educação Básica.

Palavras-chave: Escola; Leitura; Literatura; Práticas de Leitura.

ABSTRACT

When asked how literature is read in school, the answers are often diverse and complex. In our Brazilian school context, we do not have concrete quantitative or qualitative data on this specific reading practice, on how literary reading happens to young people in classrooms. Therefore, and as a way to approach a point of view, a very "cut" look at the problem, we decided to choose a literary text that we know is often worked on in the classroom and analyze the reading protocols that are presented with this text. In view of this, it is expected to contribute to the unveiling of reading practices in Basic Education.

Keywords: School; Reading; Literature; Reading Practices.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, abordaremos, primeiramente, as noções de práticas de leitura e protocolos de leitura que nos parecem relevantes para compreender como a literatura é lida no ensino médio. Isso, em suma, destaca uma breve resposta sobre como os textos literários são lidos nas escolas de Educação Básica brasileiras.

As práticas de leitura são estudadas em diferentes disciplinas, incluindo a sociologia – a sociologia da leitura, principalmente –, a história da leitura e a história do livro. Essas disciplinas estão particularmente interessadas em pensar

1



o objeto "leitura" não mais como um ato individual no qual um sujeito está predisposto a ler um texto, mas em entendê-lo como um ato social no qual esse sujeito lê um texto sob certas condições sociais que o colocam em tal situação. Uma das questões fundamentais que algumas pesquisas sociológicas têm destacado em relação às práticas de leitura é o "efeito legitimidade" (BOURDIEU, 2010), ou seja, diante das questões de pesquisa sobre leituras, imprime-se o

O que queremos destacar é que o objeto de estudo "práticas de leitura", pensado a partir da sociologia, mostra que a leitura é considerada como capital cultural ou capital cultural objetivado por sua relação com a materialidade dos objetos da cultura, no caso o livro.

A partir da sociologia, então, compreendemos as práticas de leitura ligadas a fatores sociais como a escolarização, a circulação e recepção do conhecimento, as tensões materiais e econômicas que permitem ou dificultam a acessibilidade a determinados espaços (bibliotecas públicas e privadas, livrarias, revistas etc.) e bens (livros especializados, divulgação, de literatura, catálogos, revistas, quadrinhos, etc.) da cultura escrita, das configurações familiares relacionadas à cultura da leitura e do livro, entre outras que possibilitam interações e trocas sociais.

É claro que não é necessário atribuir uma eficiência mágica à leitura. Essa eficácia mágica supõe condições de possibilidade. Os estudos sociológicos da leitura, especialmente os franceses, constituem um recurso para a compreensão de realidades culturais complexas e oferecem algumas categorias de análise para compreender as relações entre práticas de leitura e sociedades. Muitas dessas investigações permitem conhecer dados quantitativos sobre o número de livros ou leituras realizadas em um determinado período por uma determinada população.

Outros fornecem dados qualitativos sobre as práticas de leitura de determinados grupos ou sujeitos, tentando entender não o quanto se lê, mas como se lê, quem lê e por que esses sujeitos leem dessa forma naquela situação contextual particular. Sabe-se, assim, que cada leitor tem uma "trajetória de leitura" ou "leitura biográfica". Por outro lado, a história da leitura e a história do alertam que as práticas de leitura ocorrem em relação aos modos de ler e aos protocolos de leitura dispostos em objetos, ou seja, a prática da leitura teve e tem vínculos com a materialidade e com os dispositivos destinados à leitura: pergaminhos de



leitura, códigos de leitura, leitura de livros, telas de leitura e leitura em voz alta, leia em voz alta para os outros, murmure ou rumine, leia em silêncio, ouça ler, etc.

Os historiadores dizem que essas formas de ler e a materialidade do que é escrito variaram ao longo do tempo e isso modificou as práticas de leitura, conseqüentemente, mudou a representação do que é ler e as representações dos leitores. Não será o mesmo a leitura em voz alta da Antiguidade Clássica, em sua diversidade de variantes formais, a *ruminatio* para assimilar e meditar sobre as *Sagradas Escrituras* durante a Idade Média, ou a leitura de panfletos sentimentais já instalados na Modernidade e leitores de produções populares.

Portanto, cada uma dessas comunidades compartilha, em sua relação com o escrito, o mesmo conjunto de competências, usos, códigos e interesses. Nesse "mundo do texto" encontramos o objeto material que o configura, por exemplo, o livro. Como é, como apresenta o seu conteúdo, que dados ou imagens o acompanham, de que é feita a sua materialidade e legibilidade, são aspectos que fazem a sua fatura específica, mas também o dispositivo que acompanha a sua leitura.

MUNDO DO TEXTO E MUNDO DO LEITOR

O que surge da história da leitura é a noção de "apropriação", que dialoga entre os aspectos sociais e culturais do texto e sua materialidade com aspectos da recepção e interpretação dos leitores. Portanto, uma história de longo alcance das leituras e dos leitores deve ser a da historicidade dos modos de uso, compreensão e apropriação dos textos. Considera-se o "mundo do texto" como um mundo de objetos, formas e ritos cujas convenções e arranjos servem de suporte e forçam a construção de sentido.

Sobre esse universo, Monteiro (2016) discorre que:



A Literatura vive de um mergulhar nos interiores, desconstrói o construído, retira a força da afirmação convencida que procura ser convincente... A Literatura desarticula muito. A Literatura brota do nosso mundo interior (...). Se a Literatura vier dos nossos fundos é uma literatura de interrogações sempre, de interrogações existenciais cuja resposta não é simples. O que se pensa da morte? De onde se vem? Para onde se vai? Todas estas questões fundamentais fazem viver a Literatura. E estas questões incomodam, desarticulam, retiram a confiança. A Literatura é um elemento perturbador (MONTEIRO, 2016, s/p).

Por outro lado, também considera que o "mundo do leitor" é constituído por "comunidades de interpretação", às quais pertencem os leitores singulares. Cada uma dessas comunidades compartilha, em sua relação com o escrito, o mesmo conjunto de competências, usos, códigos e interesses.

Nesse "mundo do texto" encontramos o objeto material que o configura, por exemplo, o livro. Como é, como apresenta o seu conteúdo, que dados ou imagens o acompanham, de que é feita a sua materialidade e legibilidade, são aspetos que fazem a sua fatura específica, mas também o dispositivo que acompanha a sua leitura. O que surge da história da leitura é a noção de "apropriação", que dialoga entre os aspectos sociais e culturais do texto e sua materialidade com aspectos da recepção e interpretação dos leitores.

Sobre isso, Azevedo e Balça (2019) revelam que:

Conhecer textos e autores literários faculta ao sujeito um conhecimento do mundo importante para que ele possa estabelecer conexões e relações intertextuais, inferindo muito daquilo que se entrediz ou que não se explicita abertamente. De facto, conhecer temas, estilemas, figuras de estilo, fragmentos literários, convenções estéticas, símbolos, expressões hipercodificadas, autores, etc, permite que o sujeito se sinta membro de uma casa comum e possa, com desenvoltura e segurança, completar muito daquilo que o texto não diz, mas promete ou implica (AZEVEDO; BALÇA, 2019, p. 10).

Em seu duplo sentido, de um lado, a apropriação designa o "efeito", a "atualização" das possibilidades semânticas do texto; por outro lado, à interpretação como mediação por meio da qual o leitor pode operar a compreensão de si mesmo e a construção da "realidade". Contra toda abstração do texto, é preciso lembrar que a forma que lhe dá a leitura também participa da construção do



sentido. Em suma, essas disciplinas incluem o ato de ler como apropriação em sua dupla variante comunicativa, produção e recepção.

Em um primeiro caso, o texto é produzido com certas condições que tornam válidos os protocolos de leitura e os objetos impressos – ou não impressos se pensarmos em ler em voz alta ou ler na tela – e, no segundo, as variações que eles fazem às disposições dos leitores (ou ouvintes) ambos matriculados em condições sociais e culturais de ordem diferente.

Ademais, Azevedo (2018) recorta que:

Formar leitores literários constitui hoje um desafio e uma necessidade. Um desafio porque, sendo uma atividade voluntária, que se alcança pela recriação de espaços e momentos de prazer e fruição, não existe propriamente uma estratégia que possa ser considerada como única e eficaz para a obter. Uma necessidade porque o domínio da leitura literária permite desenvolver cognitivamente o sujeito e, articulando-se com a capacidade de ler o mundo de modo não ingênuo, possui virtualidades fundamentais na capacidade de exercício da cidadania (AZEVEDO, 2018, p. 5).

A apropriação, tal como a entendemos, aponta para uma história social de usos e interpretações, relacionada às suas determinações fundamentais e inscrita nas práticas específicas que as produzem. Práticas de leitura e protocolos de leitura, objetos de estudo da sociologia, da história do livro e da leitura ou propostas que derivam dessas disciplinas, são noções que trazem para as ciências sociais um modo de compreender um fenômeno complexo e diverso, um processo que é social, histórico, cultural.

Por fim entende-se que os leitores constroem os sentidos da diversidade de textos naquele espaço de intersubjetividade, no qual leem significados socialmente compartilhados e se leem em sua subjetividade. Essas contribuições teóricas têm ajudado a compreender – e continuam até hoje – as práticas de leitura escolar.

PRÁTICAS DE LEITURA ESCOLAR: LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS

As práticas de leitura escolar, dentre as quais podemos citar de forma especial a prática de leitura de textos literários, apresentam uma diversidade de modos de leitura que variam e mudam com o passar do tempo. A literatura como



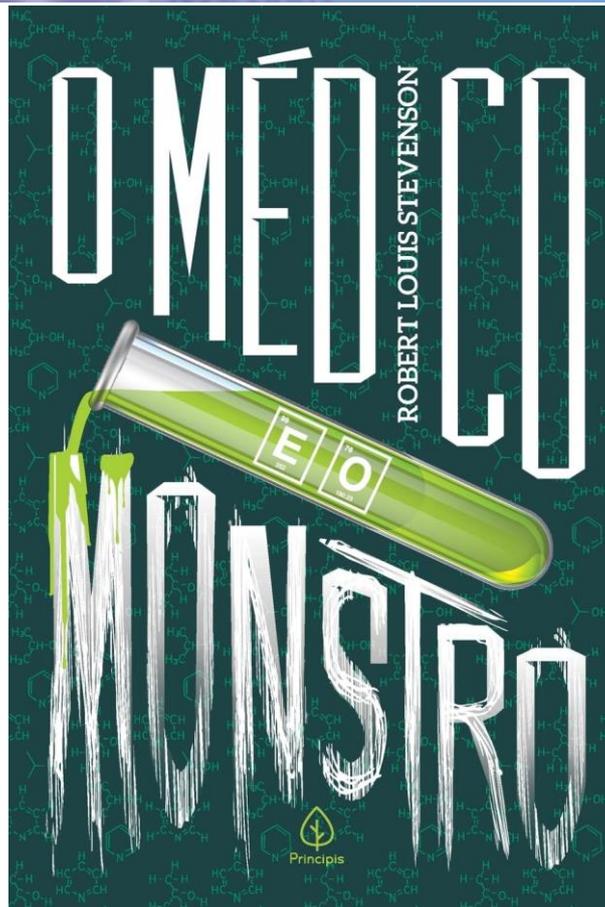
discurso e como prática também se modifica, mas o que nos interessa aqui é como ela tenta alcançar os leitores de Educação Básica hoje.

Sobre esse empenho, o Plano Nacional de Leitura embarcou na sua segunda fase (2017-2027), com o grande desafio de:

Pensar a educação e a cultura como eixos de governação pressupõe a assunção da leitura como prioridade política, tomando esta competência como básica para o acesso plural ao conhecimento e ao enriquecimento cultural - indispensáveis ao exercício de uma cidadania ativa e ao desenvolvimento económico e social do país. Neste âmbito, o domínio alargado da competência da leitura é perspectivado como condição fundamental para a construção e consolidação de uma sociedade livre, com coesão social, acesso democrático à informação, ao conhecimento, e à criação e fruição culturais (PNL, 2018).

Dito dessa forma, o objeto é muito amplo para este breve trabalho. Por isso, tomamos como caso um texto literário, *O médico e o mostro*, de Robert Louis Stevenson, em diferentes edições que circulam hoje destinadas à leitura por jovens. A particularidade é, por um lado, que todas as edições são apresentadas especificamente em coleções literárias, produzidas e colocadas em circulação para esse receptor: o jovem leitor na escola.

Imagem 1. O médico e o mostro



Fonte: Arquivo Pessoal.

Por outro lado, são aqueles que encontramos disponíveis nas escolas brasileiras. Esses dados são significativos, pois tornam a prática da leitura literária no ensino médio. Em geral, a seleção do texto literário fica a cargo do professor e o destinatário, o aluno, tem pouca influência nessa decisão.

Além disso, o professor de literatura torna-se um "primeiro leitor" que alcança o texto de diferentes maneiras. Uma – não seria necessário arriscar que a principal, mas é importante – é a oferta editorial que, com suas diferentes estratégias, oferece livros de literatura como produtos: catálogos, brindes de editoras, recomendações de promotores editoriais, planejamento ou projetos de sala de aula para "trabalhar" o texto literário etc.

Essas estratégias paraliterárias também são acompanhadas pelas decisões editoriais que constroem o objeto do livro. O "cenário" no livro o paratexto do editor é relevante na materialidade desses objetos da cultura da escola. O selo da coleção é um traço identificador e, ao mesmo tempo, característico do modo de circulação da literatura no ambiente escolar.



O traço de identificação é dado pelo nome da obra, o formato dos livros, o layout e tipografia comum a todos os títulos da coleção, as cores utilizadas, todos esses atributos fazem a identificação do livro no quadro de outros com características semelhantes.

Ao mesmo tempo, é, como quase toda a paratextualidade de um livro, uma "piscadinha" de referência ao gênero, ou pelo menos ao tipo de discurso que se vai ler: "Isso é literatura". Como um todo, o paratexto editorial trata da transformação do livro em mercadoria, e os diversos elementos que o compõem são marcas desse processo.

No caso das edições destinadas ao ensino básico, trata-se, na sua maioria, de textos literários que surgem no âmbito de uma coleção, este selo por sua vez distribuído e circula uma editora que tentará atingir, num primeiro momento, o leitor docente e, através dele, o jovem leitor.

O protocolo de leitura de *O médico e o mostro* é diferente. Não há um caminho linear e tripartite de leitura: pré-leitura, leitura, pós-leitura. Há, se quisermos, um percurso recursivo que vai da leitura de um texto à escrita, passando depois à leitura de outros textos relacionados intertextualmente por outros aspectos e que permitem regressar à leitura do texto fonte, esta acompanhada de diálogos ou discussões em que se trocam ideias e significados de/entre vários leitores. Uma forma de leitura mais intrincada, mais complexa, menos confortável.

Assim, antes da leitura do texto literário, deve ser apresentada uma introdução sobre por que ler aquele texto literário na escola; algumas atividades sob o subtítulo de "Avistamento" em que se busca aproximar o leitor de algumas noções contextuais. A biografia do autor também deve estar incluída; e, finalmente, verificar a palavra de especialistas, na qual deve ser feito um estudo preliminar sobre alguns problemas filosóficos sobre o "bem" e o "mal" que o aluno poderia ler como forma de interpretar o texto.

Por fim, a leitura do texto literário deve ser acompanhada de notas de rodapé, que estão relacionadas ao significado de algumas palavras, à explicação de alguns dados contextuais da obra, ou frases que necessitam de esclarecimento ou extensão.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi apontado neste trabalho, as práticas de leitura são sociais e culturais. A prática da leitura escolar e, especificamente, a prática da leitura de textos literários no ensino médio teve e tem características próprias. Em geral, a leitura de textos literários e do objeto do livro não chega às mãos do jovem leitor do ensino médio e da sala de aula de literatura por decisão individual e pessoal do aluno. É o professor que, como mediador, seleciona um texto e uma determinada edição.

Esse processo é influenciado por duas instâncias distintas: a descontextualização da literatura a partir de sua circulação habitual – ou seja, como a literatura chega aos leitores sem a necessidade de intermediários institucionais – e a recontextualização da literatura em um ambiente diferente e para o qual outras práticas e outros objetos são gerados, a literatura na escola.

Nesse sentido, os livros didáticos – manuais, antologias, coletâneas – e os materiais curriculares para a leitura literária configuraram diferentes práticas e protocolos de leitura, que delinearam um tipo de leitor, que poderia ser chamado de leitor escolar. Quando nos interessou especificamente investigar o que acontecia com a leitura de textos literários nas escolas de nossa província, encontramos a presença de alguns livros que são frequentemente utilizados.

A partir desses livros, dessa materialidade, intuímos que essas práticas e esses protocolos de leitura estão presentes em nosso contexto. Os acervos literários analisados têm forte presença em nosso ambiente escolar e estabelecem um modo particular de leitura, devido à "arquitetura didática" que o objeto do livro supõe e ao tipo de leitor em que são concebidos.

A leitura de textos literários também é mediada pelas anotações que cada livro apresenta. Pode-se supor que, devido à distância entre as instâncias de produção e recepção, algumas notas são necessárias para o jovem leitor. Talvez permaneça como desafio pensar sobre os protocolos e práticas de leitura de textos literários no ensino médio de nossa comunidade que a legitimidade do objeto se baseie em sua densidade semântica, seu perfil estético e seu caráter profundamente ideológico; que os livros chegam aos leitores através de uma série de redes de socialização diversificadas com raízes históricas; e que os



leitores escolares são, acima de tudo, leitores e, portanto, têm o direito de conhecer, apreciar e valorizar a literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Fernando (Coord.). Língua Portuguesa e Literatura Infantil. **Elementos Nucleares para Professores do Ensino Básico**. Lisboa: Lidel, 2006.

AZEVEDO, F.; BALÇA, A. **Práticas de educação literária e de promoção da literatura**. Textura, 21(45), 6-29, 2019.

BOURDIEU, Pierre et al. El sentido social del gusto elementos para una sociología de la cultura. 2010.

MONTEIRO, Ofélia Paiva. **Ofélia Paiva Monteiro em entrevista «A Literatura é um elemento perturbador»**, Prelo, 2016. Disponível em: <<http://prelo.incm.pt/2016/11/ofelia-paiva-monteiro-em-entrevista.html?m=1>>. Acesso em: 11 mai. 2023.

PNL. **Plano Nacional de Leitura**. 2018. Disponível em: <<http://www.pnl2027.gov.pt/np4/home>>. Acesso em: 10 mai. 2023.

STEVENSON, R.L. **O Médico e o Monstro**. 1º Edição. Jandira-SP:Principis,2019